

A109696

CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO

Ela luta por Muqui e conta histórias da cidade

Ney Rambalducci batalhou para preservar casarões; cidade faz 100 anos na segunda-feira

Se presenciar o primeiro centenário de sua cidade já é motivo de alegria, para a aposentada Ney Costa Rambalducci, 78, a celebração é ainda maior: essa moradora de Muqui, no Sul do Estado, lutou pela história do município, com o tombamento de imóveis que compõem o casario local, símbolo da cidade. E mais: escreveu um livro para contar essas e outras histórias.

Muqui, apelidado de Cidade Menina, chega aos 100 anos nesta segunda-feira, dia 22. A cidade, situada em um sítio histórico, teve o primeiro tombamento de casario há 13

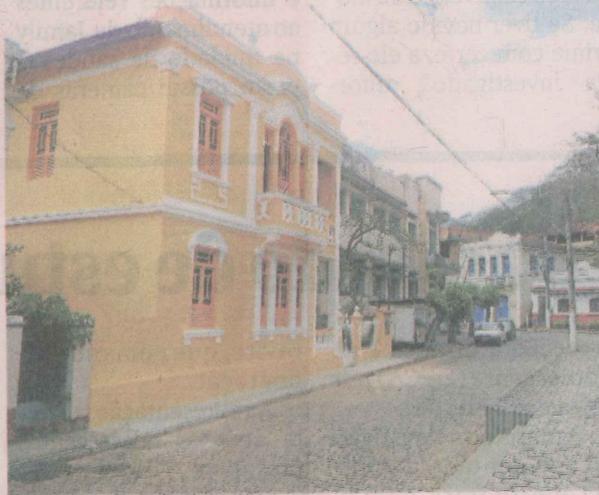


Além de ser autora de livro histórico, dona Ney é conhecida como “mãe do tombamento” dos casarios

anos. E Ney Costa, nascida em uma família tradicional, batalhou para preservar esses imóveis.

“Um governante quis tirar um casario onde hoje é a praça central. Encabecei um abaixo-assinado e fui

até a secretária de Cultura, mas derrubaram assim mesmo. Anos depois, descobrimos o documento e me procuraram. Expliquei tudo, e tombaram as casas. Fiquei conhecida como ‘mãe do tombamento.’”



FOTOS: GUSTAVO RIBEIRO

“Tudo que posso fazer para preservá-la e mantê-la eu faço. Não tenho palavras para descrever o que sinto pela cidade”, destaca.

Atualmente, Muqui tem 445 imóveis tombados pelo Estado, o que representa – de acordo com o secretário municipal de Cultura, Carlos José Macedo – 60% dos bens tombados no Espírito Santo. Além dos casarões de estilo art déco, a cidade mantém um trem que faz o trajeto Campos – Vitória. Atualmente, a linha só funciona como carga, mas, no período de ouro do café, colaborou com o desenvolvimento do município.

Muqui preserva, ainda, os folguedos de Folias de Reis e do Boi Pintadinho, pontos fortes da cultura na região. (Com informações de Gustavo Ribeiro)

Ney também viu a cidade crescer, acompanhou a chegada do calçamento, de uma empresa de energia elétrica melhor e tratamento de água. Foram essas e outras histórias que levaram-na a escrever seu livro,

que leva o nome da cidade. “Foram dez anos de pesquisa. Tudo que consegui veio de jornais e documentos oficiais. Só publiquei o que pude comprovar”, afirma.

A aposentada destaca que a cidade é uma paixão.